



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

AZULEJOS : SEMANARIO ILLUSTRADO DE SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES¹ – Publicado em Lisboa entre 21 de Setembro de 1907 e 27 de Fevereiro de 1909, totalizou 75 números, repartidos por 5 séries, cada uma com 15 números. Era propriedade de Palermo de Faria² também seu diretor, que tinha a apoiá-lo uma invulgar equipa de “diretores de especialidade”, se assim os podemos designar, eram eles: «Director Científico» – Anacleto R. D’Oliveira³; «Secretário da Redacção» – Bento Mantua⁴; «Administrador» - Xavier da Silva⁵; «Directores Litterários» - Luiz Cebola⁶, J. Pacifico⁷, Romanol e J. C. Braga⁸; «Directores Artísticos» - A. Lacerda⁹, C. Craveiro e J. Bastos; «Directores Musicaes» - Alfredo Mantua e Fernando Padua¹⁰.

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/azulejos/azulejos.htm>. Na nossa coleção digital, para a qual contamos com a colaboração da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, está em falta o n.º 12 da 3.ª série, com data provável de 6 de Julho de 1908.

² Palermo de Faria (ca 18??) – Não há muita informação sobre este personagem. O jornal *Tiro e Sport* (1904) (na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/TiroeSport.htm>), teve um colaborador com o mesmo nome; a pesquisa no catálogo da Biblioteca Nacional devolve um «Palermo de Faria», diretor de *Azulejos* e de uma publicação da iniciativa da Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses, e também tradutor de várias obras. Refira-se ainda que o *Azulejos* era produzido na oficina tipografica *A Liberal*, em Lisboa, propriedade de Palermo de Faria & C.ia.

³ Possivelmente Anacleto Rodrigues de Oliveira (1855-1932) – Autor de obras teatrais publicadas postumamente em *Teatro (1876-1898)*, em 2005, com organização, introdução, cronologia e notas de A. H. de Oliveira Marques; contudo, merece a pena referir o pequeno anúncio a «Anacleto de Oliveira, médico-cirurgião» presente nas páginas de publicidade do *Azulejos*. Cf. n.º 13, 1ª série.

⁴ Bento Mântua (1878-1932) – Dramaturgo e escritor português, foi também o décimo-segundo presidente do Sport Lisboa e Benfica (1917-1926). Cf. nota biográfica publicada na Wikipédia.

⁵ Rudolfo Xavier da Silva (1877-1948) – Doutorado em medicina, foi diretor do Instituto de Criminologia de Lisboa e deixou publicadas algumas obras sobre criminologia e medicina forense, nomeadamente um estudo sobre a iconografia das tatuagens e datiloscopia, tema que abordou nos n.ºs 1-2 da 1ª série de *Azulejos*. Foi membro do Partido Republicano e durante a I República desempenhou funções de ministro, governador civil de Lisboa e também foi deputado (1919). Cf. nota biográfica publicada na Wikipédia.

⁶ José Luís Rodrigues Cebola Jr. (1876-1967) – Médico psiquiatra, formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde foi discípulo Miguel Bombarda. Foi diretor clínico da Casa de Saúde do Telhal, da Ordem Hospitaleira de São João de Deus (1911-1948), onde desenvolveu um trabalho médico inovador, pautado por uma elevada sensibilidade humana e social. Além das obras científicas, Luís Cebola também redigiu obras de natureza ficcional, mas inspiradas nas suas observações, experiências e reflexões como médico. Cf. nota biográfica na Wikipédia.

⁷ Sobre este personagem, «João Pacifico», não há muito a dizer. Conhecemo-lo como colaborador de *Acção Realista* (1924-26) (título disponível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AccaoRealista/Accaorealista.htm>) e *Tiro e Sport* (1904) (na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/TiroeSport/TiroeSport.htm>); há notícia que foi pseudónimo usado por Frederico Gavazzo Perry Vidal, 1889-1953; em *Azulejos*, João Pacifico assinou a maioria das crónicas da 1.ª e 2.ª série, sendo depois substituído por «João Revolta» e «João Kevê».

⁸ Apareceu associado à equipa de diretores no n.º 2, da 1.ª série – foi erro ou recrutamento tardio?

Como se verá, a razão de ser deste diretório algo invulgar derivava do próprio conceito de jornal que queriam produzir.

O semanário *Azulejo* esteve sempre sediado (redação e administração) em Lisboa: primeiro, na Calçada do Jogo da Pella, 6, 2.º; a 21 de Setembro de 1908 (nº 8, 4ª s.), foi anunciada a mudança para a Rua do Arco da Graça, 42, 1º; a 9 de Janeiro de 1909 (nº8, 5ª s.) verificou-se mais uma mudança, agora para a Rua de São Lázaro, 75, 2º esq.. A oficina tipográfica utilizada foi sempre «A Liberal», na Rua de S. Paulo, 216, em Lisboa.

PROGRAMA E COLABORADORES

A originalidade do *Azulejos*, tal como foi exposta às «gentis leitoras» e aos «amáveis leitores», num tom que deixa perpassar a reverência e a chacota, residia precisamente na **inexistência de um programa editorial** definido e assegurado por uma equipa de redatores. Diziam-se «*refractários a leis e normas*» e propunham-se desenvolver um projeto orientado exclusivamente para os interesses do público, mais concretamente daquele público que «*busca na leitura um recreio e no anuncio um meio propicio para o desenvolvimento das industrias e alargamento das transacções comerciais*»¹¹. Nesse sentido, o *Azulejos* apresentava-se como um **jornal livre de «feudos de meia dúzia de cavalheiros que escrevem»** e aberto à **participação de todos**, sobretudo dos «*novos*», pois só eles podiam garantir um «*cunho de novidade*» ao novo periódico.

Note-se que a aposta nos «*novos*» era baseada numa avaliação crítica do meio literário que foi assumida com frontalidade: «*porquanto o nosso maior desejo é tornar conhecidos talentos que, a ganancia de livreiros e editores, o medo da concorrência, a inveja e quejandos sentimentos ruins, teem roubado ao conhecimento e apreciação do público.*» Com o objetivo de sublinhar o virtuosismo do projeto ou, simplesmente, para acicatar a participação dos leitores, apontaram argumentos às suas emoções mais profundas: «*Sim, gentis leitoras e amáveis leitores, qual de vós, não tem um conhecimento – um filho ou uma filha, por exemplo -, bocadinhos da vossa alma que muito idolatrais e que muito gostaríeis de ver apreciados e, quiçá, guindados à altura dos vossos sonhos, serem victimas do que no período transacto, deixámos apontado?*» Em resumo, o *Azulejos* equiparava a sua intervenção à de um descobridor de talentos, um distribuidor de oportunidades, disposto a receber todos «*de braços abertos*» e a levar ao conhecimento do público «*o que, pelo seu mérito e valor, mereça ser d'elle conhecido.*»¹²

O desafio não terá ficado sem resposta pois ao fim de mês o *Azulejos* já acusava o excesso de produções recebidas e fazia reparos à sua má qualidade: «*Estão saídos seis números do nosso semanário e n'elles temos dado publicação a grande parte das produções que os noveis escriptores teem enviado. [...] alguns dos que saíram não mereciam que se lhes desse logar n'este*

⁹ Aarão Soeiro Moreira de Lacerda (1890-1947) – Estudou em Coimbra, na Faculdade de Letras, onde foi discípulo de Joaquim Vasconcelos. Era ainda estudante quando começou a colaborar na imprensa e a participar na organização de projetos, como o da primeira exposição de «Modernistas e Humoristas», no Porto (1915). Fez uma longa carreira como professor da Escola de Belas Artes do Porto (1918), da qual veio depois a ser diretor (1939), da 1.ª Faculdade de Letras do Porto (1922-1931) e, mais tarde, lecionou no Conservatório de Musica do Porto. Foi um dos organizadores e um dos fundadores da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Cf. nota biográfica das «Memórias» da Universidade do Porto

¹⁰ Por ocasião da mudança das séries, o colégio de diretores conheceu algumas alterações.

¹¹ Conf. «Carta Aberta às nossas gentis leitoras e amáveis leitores», in nº 1, 1ª s., p. 1.

¹² *Ibidem*.

*semanário, por serem d'uma extrema fraqueza, roçando os umbraes do rachitismo litterario, ócos e piegas simplesmente. [...] mas uma vez conhecidos os nossos bons intuitos, vamos procurar levantar o nível intelectual dos originaes dos nossos Ilustres colaboradores, afim de que incitados, busquem progredir e se elevem acima da banalidade.»*¹³

Foi, pois, com a abertura aos «novos» que o *Azulejos* procurou diferenciar-se de outros periódicos já existentes e equiparáveis ou seja de âmbito nacional, direcionados para o “grande público”, isto é para a pequena e média burguesia citadina, “eles e elas”, com uma oferta de leitura orientada para o entretenimento, logo generalista, mais informativa do que noticiosa, como era o caso das revistas *Ocidente* (1878-1915)¹⁴, *Brasil-Portugal* (1899-1914)¹⁵, *Ilustração Portuguesa* (1903-1923)¹⁶ e *Serões* (1901-1911)¹⁷. É certo que o *Azulejos* não era uma revista, mas sim um jornal – embora apresentasse um conteúdo análogo e algumas características físicas que o aproximavam daquela, como o formato pequeno, a capa (que perdeu na última série) e o sumário (que se manteve apenas nos primeiros números); portanto, era um jornal e vendia-se como tal: o número avulso custava por 20 réis, valor que se pode considerar “popular”. A assinatura tinha por referência a série de 15 números e o preço era este: Lisboa e províncias ... 300 réis; Colonias... 400 réis; Brazil ... 900 réis. A natureza popular do *Azulejos* era ainda reforçada pela aposta no humor jocoso, na promoção continuada de concursos e lotarias e outras formas de aliciamento e interação.

O *Azulejos* apresentou desde o primeiro número um leque de secções (texto e imagem) capaz de satisfazer interesses muito variados, se não vejamos: na capa, de papel fino e colorido, «**Os nossos**» prestava-se a um jogo de adivinhação de identidades com base numa **caricatura** de uma figura pública, as iniciais do seu nome próprio e um epigrama – os caricaturistas de serviço, de traço modernista, foram: A. Lacerda, C. Craveiro e João Bastos, aos quais se juntou, na 5.^a série, Alfredo Cândido¹⁸; «**Chá e torradas**» dava título à crónica de abertura, sempre «*do que há de mais simples e de mais hygienico; o chá será preto de ponta branca e as torradas bem quentinhas e bem fofas, barradas com a melhor manteiga*», prometeram eles – a sua preparação coube, a maior parte do tempo, a João Pacifico que nas últimas séries cedeu o seu lugar a João Revolta e a João Kevê, que muitas vezes deixaram esgotar o açúcar e rançar a manteiga; «**Notas científicas**» crónicas e artigos sobre matérias diversas, desde a saúde, à alimentação, passando pelas ciências forenses e outras mais – textos de diversos autores; «**Espiritismo**», com a colaboração de vários médiuns que além de fazerem relato das suas sessões com os “espíritos”, traziam ao conhecimento do público comunicações atribuídas a escritores e outras figuras “públicas” já falecidos (João de Deus, Camilo, Emílio Zola, Eça, etc.) – Fernando Lacerda¹⁹ foi um dos colaboradores mais presentes; «**Mascaras**», oferecia um rosto (ilustração) de um(a) famoso, da política, das artes, da literatura, etc., que era muitas vezes acompanhada de um comentário, evocação, memória – as caricaturas são, na sua maioria, da autoria de Craveiro; «**Gazetilha**», com a rima afiada de Lamparina; «**Vida Sportiva**», noticiário breve, alguns textos são assinados por

¹³ Conf. «Aos novos», in n.º 6, 1.^a s., p. 2.

¹⁴ Na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/Ocidente.htm>.

¹⁵ Na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/BrasilPortugal/BrasilPortugal.htm>.

¹⁶ Na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/IlustracaoPort/IlustracaoPortuguesa.htm>.

¹⁷ Na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Seroes/Seroes.htm>.

¹⁸ Alfredo Cândido, Ponte de Lima, 1879 – Lisboa, 1960.

¹⁹ Fernando Augusto Lacerda e Mello, Loures, 1865 - Rio de Janeiro, 1918.

Box e João da Costa Braga; «**Prosa e Verso**», alinhava os textos literários dos redatores e colaboradores, incluía também o «Epigrama», «Cúmulos», «Pensamentos» e outras sub-seções – foi, sem dúvida, a secção mais concorrida, pelo que a tratamos dela mais à frente; «**Portugal Pitoresco**», oferecia uma fotografia do país; «**Da geral**», dedicado ao teatro, desdobrava-se em crítica e cartaz, na segunda série passou também a incluir uma ilustração sob o título «Figuras de palco» – era assegurada por Ramanol que a meio da 2ª série passou a pasta a Mário Laje²⁰, um «*conhecedor profundo de coisas theatraes e um fervoroso apostolo do ressurgimento da arte em Portugal, que, digamos de passagem, entrou na agonia e se contorce á beira do abysmo que lhe cavaram, entre muitas outras coisas o mercantilismo, a depravação e a falta d'originalidade.*»²¹; «**Nossa estante**» pequenos comentários, não assinados, sobre a produção editorial; «**Jogos... de paciência**»; «**Semana alegre**» (cartoon); «**Variedades**», com receitas culinárias; «**Posta restante**» para a correspondência dos leitores; «**Qual é coisa, qual é ela**» com charadas e enigmas; na contracapa a «**Secção musical**» - apresenta composições de Alfredo Mântua (maestro e professor de Bandolim), Fernando Mântua, Benjamin da Costa (mestre de musica de Infantaria 17), Manuel Inácio Jorge (Estremoz, 1854-1927), João P. Mineiro (maestro), Luiz Penteado, José Maria de Carvalho (diretor da banda da Sociedade Filarmónica Harmonia Reguenguense), entre outros.

Esta estrutura inicial perdurou ao longo das cinco edições do *Azulejos*, ainda que com pequenas variações, circunstanciais, motivadas por homenagens ou outras razões, como foi o caso de Branco Rodrigues, fundador das **Escola de Cegos de Lisboa e Porto** (n.º 14, da 1.ª s.). Mas para corresponder aos interesses e sugestões do público, ao longo do tempo, muitas **outras secções foram sendo criadas**. Em regra, aproveitavam a mudança de série para apresentar essas «novidades». Referimos aqui algumas, de entre as mais duradouras e que mais contribuíram para diversificar o painel temático de *Azulejos*:

2ª série – «**O feiticeiro das trevas**», por George Clément, que respondia a questões colocadas pelos leitores; «**Bordados e rendas**» (desenho e fotografia); «**Campanha d' Africa: notas da campanha de 1907**», o testemunho do tenente José Augusto Mello Vieira, «**Pelas Arenas: chronicas taurinas**», com a assinatura de ÉMECÊ;

3ª série – «**Modas e confecções**» (desenho e fotografia); e «**Guitarra de Ramanol**» (sátira em verso);

4.ª série – «**Estudos de Ocultismo**», de Arthur Benoni, e «**As sete maravilhas do Mundo**» ou incursões pelo mundo antigo;

5ª série – «**Musa Galhofeira**», recolha continuada de glosas de vários autores, a partir de um mote semanal; e o folhetim «**Estalishnau Sam**», um romance de policia, da autoria de um dos redatores, segundo explicaram.

²⁰ Será o médico Mário Laje, tenente-médico, terceiro e último marido da poetisa Florbela Espanca?

²¹ «Conf. n.º 8, 2ª s., p. 3. Refira-se ainda que na 3.ª série, Mário Laje assumiu a defesa dos últimos originais representados, que foram muito criticados na imprensa diária.

COLABORADORES LITERÁRIOS

No que toca à colaboração literária, reunida na secção «**Prosa e verso**», o *Azulejos* perpassa o fenomenal, o que não admira. É claro que muitas assinaturas cintilaram uma única vez e apagaram-se; entre as que se mantiveram estáveis, existem muitos pseudónimos e siglas, que não foi possível identificar. Mas também há textos de «novos» que se tornaram autores de relevo da literatura portuguesa. De entre eles, sobressai **Mário de Sá Carneiro** que marcou presença nas duas últimas séries, publicando contos e poemas, assinados com o seu nome ou com o pseudónimo «Mário de Sirconera»: na 4.^a série - poema «Sonho maldito», in n.º 4 (49); conto «O caixão», in n.º 6 (51); conto «Maria Augusta», in n.º 9, (54); conto «Ladislau Ventura», in n.º 15 (60); na 5.^a série – «Contos Breves»: «I - A Mendiga», in n.º 7 (67); «II - Amor Vencido», in n.º 8 (68); «III - Recordar é viver», in n.º 10 (70); «IV - Pagina de um suicida», in n.º 12 (72); «V - Tragédia», in n.º 14 (74); e o poema «O Neptuno de Messina», in n.º 10 (70).

Outros colaboradores do *Azulejos* foram: **Abel Botelho**²², 1893-? (3.^a s., n.º 5,10,11 e 14; 4.^a s., n.º 4 e 11); Amélia Janny, 1839-1914 (1.^a s., n.º6); Angelo Pitou²³ (3.^a s., n.º 11 e 13; 5.^a s., n.º 1,2,4,10,14 e 15); Astrigildo Chaves²⁴, 1886-1926 (2.^a s., n.º 5, 6,10,11,15; 3.^a s., n.º 2,3,7,9,10; 4.^a s., n.º 14,15; 5.^a s., n.º 4,6,7,8,9); Augusto Casimiro, 1889-1967 (3.^a s., n.º 3 e 4); **Augusto de Santa Rita**, 1888-1956 (4.^a s., n.º 1,2,4,5,6,8,10,11,13,15); Bento Mântua, 1878-1932 (1.^a s., n.º 1,3,10; 2.^a s., n.º 1,7; 4.^a s., n.º3, 4, 5, 14,15; 5.^a s., n.º 2,3, 5); Eduardo Metzner, 1886-1922 (1.^a s., n.º 5-6,8,12; 2.^a s. n.º7); **Guerra Junqueiro**, 1850-1923 (1.^a s., n.º8 e 2.^a s., n.º8); **João da Câmara**²⁵, 1852-1908 (2.^a s., n.º 2) João de Freitas Branco, 1855-1910 (3.^a s., n.º9); **Júlio Dantas**, 1876-1972 (1.^a s., n.º13); **Luiz Cebola**, 1876-1967 (1.^a s., n.º 2,6,14-15; 2.^a s., n.º 1,7); Mário de Santa-Rita²⁶; **Olavo Bilac**, 1865-1918 (2.^a s., n.º3,4,6). O *Azulejos* também publicou textos e poesia de autores já falecidos, como: «A mulher», de Alexandre Herculano (3.^a s., n.º3); a «Pena de Talião» de Bocage (2.^a s., n.º2-6); «Os Amigos», de Camilo Castelo Branco (1.^a s., n.º11); «Christo» e «Epigrama» de João de Deus (1.^a s., n.º15 e 3.^a s., n.º8).

Resta dizer que *Azulejos* desapareceu sem aviso prévio. A razão do seu desaparecimento súbito, deixando por concluir alguns textos de publicação continuada, ficou por esclarecer. De qualquer modo, na última série, a quinta, já os sinais de fraqueza ou desnorte eram evidentes: perdeu a

²² Abel Gomes Botelho, nascido a 7/12/1893, em Aldeia Nova do Cabo, no concelho do Fundão, era filho de Abel Teodoro Paulo Botelho e de Alexandrina Rosa Gomes Botelho. Fez estudos na Universidade de Coimbra; em 1909, quando ainda era colaborador da revista *Azulejos*, matriculou-se na Faculdade de Filosofia; no ano lectivo de 1912-13, já era aluno (1.º ano) da Faculdade de Medicina. Concluiu o curso e serviu no Exército Português, onde esteve integrado até Janeiro de 1917, quando foi dado como desertor. Acabou por se instalar no Brasil, onde casou e adquiriu nova nacionalidade. A identificação deste colaborador ficou a dever-se a Arlindo Rodrigues a quem muito se agradece o cuidado de alertar para a confusão de identidades entre Abel Acácio de Almeida Botelho (1856-1917) e Abel Gomes Botelho, que constava inicialmente nesta ficha.

²³ Pseudónimo usado por Henrique Zeferino de Albuquerque, (1842-1925) na revista semanal *Ribaltas e Gabiarras*, de 1881 (título disponível na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RibaltaseGabiarras/Ribaltasegabiarras.htm>).

²⁴ Mais tarde, foi proprietário e director do bissemanário *Monarquia*, de 1916 (na Hemeroteca Digital em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/AMonarquia/AMonarquia.htm>.)

²⁵ João da Câmara faleceu no dia 2 de Janeiro de 1908, e *Azulejos* rendeu-lhe homenagem, nos. n.º 1-2, da 2.^a s., que incluiu a publicação de algumas das suas ultimas produções poéticas: «Primavera», «Luz benéfica», «São filosofia» e «Eu e Eu».

²⁶ Poeta, faleceu em Fevereiro 1909, com 22 anos de idade, conf. n.º 14, 5.^a s., pp.2-3.

capa, reduziu-se o numero de colaboradores e de anunciantes, a reprodução de textos extraídos de outras publicações tornou-se frequente e os apelo ao pagamento das assinaturas atrasadas intensificaram-se. Tudo leva a crer, portanto, que o jornal perdeu leitores e se tornou um fardo demasiado pesado para os seus promotores.

Rita Correia, 3/11/2016 [actualizada em 18/01/2018]

BIBLIOGRAFIA

Anuário da Universidade de Coimbra. Ano Lectivo de 1912-13. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1913, p. 247, disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/republica/UCBG-8-118-1-3/UCBG-8-118-2-1912-1913/UCBG-8-118-2-1912-1913_item2/UCBG-8-118-2-1912-1913_PDF/UCBG-8-118-2-1912-1913_PDF_24-C-R0120/UCBG-8-118-2-1912-1913_0000_Obra_Completa_t24-C-R0120.pdf [Consult. 16/01/2018].

archeevo - Arquivo da Universidade de Coimbra, disponível em: <http://pesquisa.auc.uc.pt/details?id=186605&ht=Abel%7CGomes%7CBotelho> [Consult. 18/01/2018]

Diário Oficial da União, de 23/06/1939. Brasil, disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2370152/pg-19-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-23-06-1939> [Consult. 18/01/2018]

«Docentes e estudantes da Primeira Universidade do Porto: Araão Soeiro Moreira de Lacerda», in Universidade do Porto, disponível em: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1004263 [Consult. 3/11/2016]

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA BRASILEIRA. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

Ordens do Exército (2ª Série) de 1917, n.º 2, de 08/02/1917, disponível em: http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=15&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiLpZK-vdzYAhXHuhQKHW-SDPcQFghYMA4&url=http%3A%2F%2Fbiblioteca.exercito.pt%2Fdownload.asp%3Ffile%3Dmultimedia%2Fassocia%2Fpdf%2Foe_ii_serie%2F1917.pdf&usg=AOvVaw1UM2S5OudKFRnrAY9cFUw3 [Consult. 18/01/2018]

PIRES, Daniel - *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Lisboa : Grifo-Editores e Livreiros, 1996.